



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

**DIALOGO ENTRE O ENSINAMENTO ANCESTRAL DO "VIVIR BIEN" E OS SABERES DO YOGA DENTRO DO MOVIMENTO HARE KRISHNA - VIDA SIMPLES E PENSAMENTO ELEVADO: CONTRIBUIÇÕES PARA A LUTA CONTRA-HEGEMÔNICA**

OTÁVIO AUGUSTO CHAVES RUBINO DOS SANTOS

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

**DIALOGO ENTRE O ENSINAMENTO ANCESTRAL DO “VIVIR BIEN” E OS SABERES DO YOGA DENTRO DO MOVIMENTO HARE KRISHNA - VIDA SIMPLES E PENSAMENTO ELEVADO: CONTRIBUIÇÕES PARA A LUTA CONTRA-HEGEMONICA.**

Eixo 8. Educação, Cultura e Religião

**Resumo**

Este estudo faz parte de uma dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UFPE CAA. Neste artigo foram contemplados, por meio da metodologia da hermenêutica diatópica de Boaventura de Sousa Santos (2006), alguns pontos em comum entre os saberes indígenas andinos e os saberes do Yoga na percepção do movimento Hare Krishna. O objetivo foi perceber quais as contribuições desses saberes para construir alternativas para a crise no planeta. A pesquisa contempla saberes de comunidades ecológicas e camponesas em um determinado território, assim como suas formas de resistência, partilha e de educação popular. Epistemologicamente inspira-se na abordagem freiriana, assim como em Boaventura de Sousa Santos e nas epistemologias do sul. Então, contempla saberes milenares indianos e saberes ancestrais dos povos indígenas andinos.

Palavras – chaves: dialogo, saberes ancestrais, cultura.

**Resumen**

Este estudio forma parte de una tesis de maestría en curso por el Programa de Posgrado en Educación de la UFPE CAA. En este artículo fueron contemplados, a través de la metodología hermenéutica diatópica de Boaventura de Sousa Santos (2006), algunos puntos en común entre el conocimiento indígena andino y los saberes del Yoga en la percepción del movimiento Hare Krishna. El objetivo fue percibir cuáles fueron las contribuciones de estos conocimientos para construir alternativas en la crisis del planeta. La investigación incluye el conocimiento de las comunidades ecológicas y rurales en un determinado territorio, así como sus formas de resistencia, diálogo, y educación popular. Epistemológicamente se inspira en el enfoque de Freire, como en Boaventura de Sousa Santos y las epistemologías del sur. Por tanto, se incorporan saberes milenarios indianos y saberes ancestrales de los pueblos indígenas andinos.

Palabras – claves: dialogo, saberes ancestrales, cultura.

**1 - INTRODUÇÃO**

**1.1 Contextualização: uma história marcada pela violência e pela resistência**

Existem diversos saberes que foram historicamente marginalizados, mas que podem oferecer e partilhar significativos

conhecimentos para contribuir por um mundo melhor. Os saberes ancestrais e milenares nos trazem uma outra forma de pensar o mundo, os nossos relacionamentos e olhares. O sistema capitalista traduzido na globalização neoliberal trouxe e arraigou no planeta uma cultura de consumo e competição. Valores espirituais e saberes que contemplam o autoconhecimento, uma relação harmoniosa e em equilíbrio com a terra foram impostos como inferiores, como mera superstição, como atraso. As colonizações representaram bem estes processos de aculturação e, como denomina Boaventura de Sousa Santos (2006), epistemicídios. Isso para não falar dos genocídios que aconteceram: populações indígenas inteiras dizimadas, como os Incas, Maias, Astecas, tribos no Brasil, América do Norte e Austrália, que tiveram contra eles, em sua luta, um dos maiores exércitos da época, armado com as últimas descobertas da tecnologia bélica. No livro de Dee Brown, “Enterrem meu coração na curva do rio”, o autor mostra os índios sendo massacrados pelo Exército Americano, nas diferentes regiões dos Estados Unidos; na Califórnia, na Costa Oeste, nas florestas, quer dizer: onde tinham recursos naturais e florestas. Dee Brown também mostra depoimentos de resistência dos Índios, que lutaram, e lutam até hoje, por algo que lhes foi roubado na base da violência: o direito à terra.

Onde estão hoje os pequot? Onde estão os narragansett, os moicanos, os pokanoket, e muitas outras tribos outrora poderosas de nosso povo? Desapareceram diante da avareza e da opressão do Homem Branco, como a neve diante de um sol de verão. Vamos nos deixar destruir, por nossa vez, sem luta, renunciar a nossas casas, a nossa terra dada pelo Grande Espírito, aos túmulos de nossos mortos e a tudo que nos é caro e sagrado? Sei que vão gritar comigo: “Nunca! Nunca - TECUMMH, (BROWN, 1970, p. 8)

Ailton Krenak, em um texto sobre educação indígena, também comenta sobre este livro e diz que no começo eles só queriam tirar os índios da frente para poderem pegar as coisas e derrota-los para pegar as riquezas: “eles queriam pegar madeira, ouro, bicho e continuar como uma manada de desesperados agarrando os recursos naturais e matando quem estivesse atrapalhando eles na frente.” (KRENAK, 2012, p.116)

Na África, o processo de escravidão foi intenso e a violência física e simbólica cruel. Essa ânsia de domínio, de controle da natureza, de exploração continua intensa nos dias atuais e, por isso, se fala em crise. Na Índia, a colonização britânica fez estragos imensos e uma das principais estratégias de dominação foi através do enfraquecimento da cultura. Ao se estudar a vida de Bhaktivinoda Thakur percebe-se como os ingleses tentaram, de várias maneiras, inferiorizar os saberes milenares. Thakur foi um grande intelectual indiano de sec. XIX, reconhecido como um dos principais militantes por resgatar a cultura milenar indiana que estava quase se perdendo com o domínio britânico no país. Rupa Vilasa Dasa (2003), em seu livro que narra a vida de Thakur, salienta que a cultura milenar foi injuriada e caluniada. No ano de 1838, existiram alguns debates no Conselho Governamental da Índia, a respeito do valor de se ensinar sânscrito, outras línguas regionais, nas escolas estabelecidas pelos britânicos para os indianos. A visão que prevaleceu foi a de Thomas Macaulay.

Em seu livro Education Minute, Macaulay escreveu que uma simples seção de uma boa livraria europeia era melhor do que toda literatura nativa da Índia e Arábia. Em sua visão eurocêntrica, Macaulay destacou que a filosofia sólida e a verdade histórica, no caso europeia, deveriam ser implementadas e que deveria se evitar: “doutrinas médicas espúrias que seriam ridículas para qualquer inglês, astronomia que faria rir até as meninas de uma escola primária da Inglaterra” (Macaulay in Dasa, 2003, p.15). Então, a visão colonial e suas ações foram voltadas para a promoção da literatura europeia e da ciência “verdadeira” na Índia.

Essas ações de preconceito, violência e discriminações continuam, mesmo após a independência das colônias e se traduzem em violência simbólica, processos de silenciamento, etc. Então, este artigo vem como uma forma de compartilhar outras visões de mundo, diferentes do individualismo capitalista. Tais visões ensinam um processo de harmonia e equilíbrio com o planeta em um espírito de vida comunitária. Dessa forma, questiona-se: Em um contexto de crise, agressões à natureza e à vida, quais as contribuições dos saberes milenares indianos e conhecimentos ancestrais dos índios andinos para uma nova forma de se viver? Existem pontos de interseção entre eles?

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A visão de mundo predominante, impactos e preconceitos**

Para uma melhor compreensão deste contexto, torna-se interessante entrar um pouco na história das descobertas imperiais e do surgimento da modernidade. Segundo Boaventura de Sousa Santos, nesta época, foram muitas descobertas e descobridores, entretanto, o mais importante foi o ocidente, em suas múltiplas encarnações. De acordo com o autor, o “outro” do ocidente assumiu três formas primordiais: “o Oriente, o selvagem e a natureza” (2006, p.182). Santos destaca que na dimensão conceitual da descoberta imperial há algo que a caracteriza: “a ideia de inferioridade do outro. Nesta perspectiva, o oriente é visto como civilização temível e temida, como recurso a ser explorado pela

guerra e pelo comércio. No que se refere ao selvagem, este é o lugar da inferioridade onde, diferentemente do oriente, percebido como local de alteridade, o selvagem é a diferença incapaz até mesmo de se constituir como alteridade, “não é o outro porque não é sequer plenamente humano” (SANTOS, 2006, p. 185). Sobre a natureza, ela está ali para ser domesticada.

A violência que, no caso dos selvagens, se exerce por via de destruição dos conhecimentos nativos tradicionais e pela inculcação do conhecimento e fé ‘verdadeiros’ exerce-se, no caso da natureza pela produção de um conhecimento que permita transformá-la em recurso natural” (SANTOS, 2006, p. 188).

Neste sentido, é relevante salientar que esses pressupostos do colonialismo e da modernidade foram fortalecidos com o advento da revolução industrial. Hobsbawm comenta que: “o trabalho industrial, ou seja, o trabalho em uma fábrica mecanizada impõe uma expressiva monotonia, rotina e regularidade: A indústria trouxe consigo a mecanização das relações, a ‘tirania do relógio’, a máquina que regula o tempo” (HOBSBAWM, 1979, p. 80).

Sobre a ciência clássica, a percepção cartesiana/newtoniana do universo como uma grande máquina e da natureza como uma amante a ser explorada para a experimentação científica gerou e gera diversos impactos. Segundo Allene Lage, na modernidade, esta ciência foi elaborada como sinônimo de verdade universal. Tal ideia perdura até os dias atuais e colocou de um lado, tudo o que é científico e, dessa forma, relevante e verdadeiro, e de outro lado, tudo o que não é científico e, portanto, marginal. Segundo Allene:

As consequências desta dicotomia hierárquica foram desastrosas sob o ponto de vista da diversidade cognitiva da humanidade, pois provocou a ocultação e a desqualificação de uma infinidade de conhecimentos por todo o mundo, segregando-lhes do direito de também se fazerem verdade. (LAGE, Allene, 2014 p.125)

Dessa maneira, pode-se salientar que existe uma crise. Para Capra (1982), o planeta vive um estado de profunda crise mundial, que afeta todos os aspectos de nossa vida. Existem dezenas de milhares de armas nucleares estocadas, há significativa poluição atmosférica e das águas, e grande desmatamento das florestas, assim como expressiva contaminação dos alimentos que consumimos pela grande inserção de produtos químicos nas plantações. Na perspectiva de Nicolescu (1999), a crise é tão profunda que, pela primeira vez em sua história, a humanidade tem a possibilidade de destruir a si mesma inteiramente.

Para corroborar este fato, de acordo com Leonardo Boff (2004), 42% das florestas tropicais já foram destruídas. A pecuária industrial e as plantações para a produção de monoculturas, como a soja, provocam o desmatamento em larga escala. Para Washington Novaes[i], a destruição das florestas é uma das causas centrais da desertificação progressiva no mundo, onde esse processo avança à razão de mais de 60 mil km<sup>2</sup> por ano, 12 hectares por minuto. Após essas descrições, concorda-se com os atores(as) que estamos em crise.

No que se refere à educação, no sistema brasileiro, seja no campo ou na cidade, há predominância do conhecimento técnico voltado para preparar o indivíduo para o mercado. Girleide Lemos (2013) afirma em sua trajetória de vida que, ao ingressar no ambiente escolar, percebeu distanciamentos entre os conteúdos de aprendizagem e os saberes camponeses. “Na escola, os saberes que aprendia com meus pais e os moradores do território rural não eram mencionados, parecia que a escola não pertencia a este território” (LEMONS, 2013, p.17).

Outro aspecto é, como alerta Stella Caputo, muitas crianças e jovens de religiões que não sejam relacionadas ao cristianismo sofrem difíceis situações de preconceito por praticarem religiões afro-brasileiras. A autora fez um relevante trabalho com crianças do candomblé e diagnosticou várias situações lastimáveis que estas tiveram e têm que enfrentar:

Por que Alessandra e Michele sentem tanta vergonha na escola, certamente esse sentimento de vergonha e o medo da discriminação não “surgiram” à toa. Como vimos, eles vem sendo construídos há muito tempo e atingindo muitas gerações. Todas as outras crianças e jovens sobre as quais conversamos anteriormente já foram discriminadas por pertencerem ao candomblé” (CAPUTO e CANDAU, 2008 p.171).

Dessa maneira, existe uma dicotomia na educação com diversas formas de silenciamento e preconceitos: ensina-se que uma cultura é melhor do que a outra, que um conhecimento é melhor do que o outro. Isso acaba gerando uma realidade onde crianças e jovens da zona rural, negros, indígenas pensem que são inferiores aos padrões apresentados pelos brancos e moradores da cidade.

## **2.2 Ecologia e seus ensinamentos**

Neste contexto de agressões à natureza e processos de preconceito e inferiorizações, torna-se relevante observar

outros paradigmas que trazem maneiras diferentes de se ver e agir no mundo. Um paradigma nesta direção é o da ecologia que concebe o mundo como um todo integrado. Segundo Leonardo Boff:

Ecologia é relação, inter-relação e dialogação de todas as coisas existentes (vibrantes ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial. A ecologia não se dá apenas com a natureza (ecologia natural), mas principalmente com a sociedade e a cultura (ecologia humana, social, etc.). Numa visão ecológica, tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste através de uma teia infinita de relações omnicompreensivas. Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos (BOFF, 1993 p.15).

Dessa maneira, ao reafirmar a interdependência entre todos os seres, a ecologia funcionaliza todas as hierarquias e nega qualquer tipo de hegemonia. Todos os seres, por menores que sejam possuem sua importância, a sua função dentro de uma grande teia de relações - nada é supérfluo ou marginal. Acredita-se que essa percepção é importante para quebrar a ótica individualista e de competição exacerbada, aonde os mais fortes e ricos exploram e dominam os mais fracos.

Leonardo Boff também reflete que a questão ecológica remete a um novo nível de consciência mundial: "a importância de terra como um todo, o bem comum como bem das pessoas, das sociedades e do conjunto dos seres da natureza" (BOFF, 1993, p.15). A ecologia quer sublinhar a conexão existente entre todos os seres naturais e culturais e a rede de interdependência de tudo com tudo, constituindo a totalidade ecológica. Esta totalidade não constitui uma homogeneização imutável ou a soma de muitas partes, mas sim, forma uma unidade dinâmica feita de uma riquíssima diversidade. A Ecologia profunda segue essa mesma linha e acrescenta:

A ecologia profunda não separa seres humanos - ou qualquer outra coisa - do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. Em última análise, a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa (CAPRA, 2003, p.25).

De acordo com os teóricos da ecologia profunda as obrigações morais para com os demais seres seriam desnecessárias e deixadas para trás uma vez que, "o cuidado flui naturalmente se o "eu" é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos" (NAESS *apud* CAPRA, 2003, p. 29). Nesse contexto, assim como não precisamos de nenhuma moralidade para nos fazer respirar, da mesma maneira se o seu "EU", no sentido amplo dessa palavra, abraça um outro "Ser", não se precisa de advertências para demonstrar cuidado e afeição com o outro. Essas atitudes amorosas aconteceriam naturalmente, sem nenhuma pressão moral. Após essa explanação de Naess, percebe-se que o autor quer chamar a atenção para que o Ser Humano desperte um sentimento de união com todos os seres, com todo o universo. Assim, pode-se dizer que é uma forma de expandir a compaixão e o respeito humanos por outros para além da família e amigos, além da comunidade humana, para incluir a comunidade ecológica integralmente.

Nesse contexto, para colaborar na discussão, é interessante trazer algumas contribuições da chamada ecologia humana. Segundo o Dr. Juan. Tapia (2001), a ecologia humana tem como objetivo "recuperar a harmonia com o meio ambiente e devolver o respeito e a ética aos deveres humanos". Ele nos adverte que enquanto o ser humano não for capaz de cuidar de cada pedacinho de onde vive, nunca poderá participar com sucesso da preservação da vida e do meio ambiente.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Hermenêutica diatópica e o processo de tradução.**

Como o presente estudo busca o encontro de pontos em comum entre o "Buen vivir" e o "Vivir Bien" e o conceito de Yoga o caminho escolhido foi a hermenêutica diatópica trazido por Boaventura de Sousa Santos. Esse autor afirma que é importante que haja um procedimento "capaz de criar uma inteligência mútua entre experiências possíveis e disponíveis sem destruir a sua identidade" (SANTOS, 2006, pag.95). A este procedimento, Santos denominou Trabalho de Tradução. Segundo esse autor, a tradução entre saberes assume a forma do que ele chama de hermenêutica diatópica que "consiste no trabalho de interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas" (SANTOS, 2006, p.124).

Assim, acredita-se que esta metodologia é interessante para encontrarmos as preocupações em comum entre essas tradições, assim como, as práticas e experiências de cada uma para a construção de um outro olhar sobre o mundo.

Boaventura salienta ainda que só através da inteligibilidade recíproca que surge com o processo de tradução e da hermenêutica diatópica, é que haverá uma conversão das práticas não-hegemônicas em práticas contra-hegemônicas. Ou seja, através da possibilidade de agregação de saberes não hegemônicos, é possível construir a contra-hegemonia. Dessa maneira, por meio das redes, das trocas de experiências e saberes, surge a causa em comum, o que vai fortalecer a luta e a mensagem de ambos. Neste sentido, o autor afirma que: “o trabalho de tradução visa criar inteligibilidade, coerência e articulação num mundo enriquecido por uma tal multiplicidade e diversidade” (SANTOS, 2006, P.129)

#### 4. OS SABERES ESTUDADOS

##### 4.1 O “Buen Vivir” e o “Vivir Bien” como alternativa para a crise

Após essas explanações, é interessante, então, trazer as vozes e os saberes milenares e ancestrais. Como apresentou-se no desenvolvimento, a ecologia traz o respeito à natureza e reconhece a interdependência e inter-relação entre todos (as). Estes ensinamentos são ancestrais e são vividos por populações desde tempos imemoriais. Assim, torna-se interessante compartilhar alguns desses ensinamentos como forma de mostrar que existem diversos saberes e cosmovisões além da ciência clássica. Um desses ensinamentos refere-se aos povos indígenas andinos que partilham os saberes do “buen vivir” e do “vivir bien”. Segundo Fernando Huanacuni Mamani:

*En estos tiempos en que la modernidad está sumergida en el paradigma individualista y la humanidad está en crisis, es importante escuchar y practicar la herencia de nuestros abuelos: esta cosmovisión emergente que pretende reconstituir la armonía y el equilibrio de la vida con la que convivieron nuestros ancestros, y que ahora es la respuesta estructural de los pueblos indígenas originarios: el horizonte del vivir bien o buen vivir. (MAMANI, 2010, p.6)*

Huanacuni Mamani (2010) explica que os termos utilizados em espanhol para descrever o *suma qamaña* (aymara) o *sumak kawsay* (quechua) são “*vivir bien*”, utilizado na Bolívia, e “*buen vivir*”, no Equador. Neste sentido, para a cosmovisão dos povos indígenas originários, primeiramente está a vida em relações de harmonia e equilíbrio, pelo que “*qamaña*” se aplica a quem sabe viver. Agora, o termo de “*suma qamaña*” se traduz como “viver bem”, no entanto, segundo Mamani, não explica a magnitude do conceito. Dessa maneira, o autor salienta que é melhor recorrer à tradução dos termos originais em ambas línguas.

Desde a cosmovisão aymara, “*del jaya mara aru*” (voz ou palavra do início dos tempos) o “*jaqi aru*”, (voz o palavra da gente.), “*suma qamaña*” se traduz da seguinte forma: *Suma*: plenitude, sublime, excelente, magnífico, maravilhoso; *Qamaña*: viver, conviver, estar sendo, ser estando. Então, a tradução que mais se aproxima de “*suma qamaña*” é “vida em plenitude”. Atualmente se traduz como “viver bem”. Sobre a tradução do *kichwa* ou *quechua*, (runa simi), esta é a seguinte: *Sumak*: plenitude, sublime, excelente, magnífico, maravilhoso (a), superior; *Kawsay*: vida, ser estando, estar sendo. Assim, percebe-se que a tradução é a mesma que no *aymara*: “vida em plenitude”. (MAMANI, 2010, p.7)

Segundo Juan Manuel Crespo e David Vila (2014), o “Buen Vivir” (*Sumak Kawsay*), se manifesta de uma sabedoria ancestral e de práticas históricas de resistência à colonialidade, à modernidade e ao capitalismo global que prevalece nos dias de hoje, sendo que, de acordo com os autores, o capitalismo cognitivo é uma de suas formas mais potentes de dominação histórica. Cortez e Wagner (2010) seguem nesta mesma direção quando afirmam que, ao salientarmos sobre “Buen Vivir” devemos nos referir aos saberes e conhecimentos dos povos indígenas, já que o conceito surge como um paradigma e projeto descolonizador.

Neste sentido pode-se dizer: é um conceito revolucionário, silenciado por muitos anos, mas que emerge com força ancestral, fortalecido por anos de resistência contra o domínio colonial físico e epistêmico. Huanacuni Mamani (2010) salienta que o processo de mudança que emerge hoje na região, desde a visão dos povos ancestrais indígenas originários, irradia e repercute a nível mundial, promovendo um paradigma, na realidade, um dos mais antigos: “*el paradigma comunitario de la cultura de la vida para vivir bien*”.

Neste aspecto, é relevante partilhar o fato de, ao mesmo tempo em que este saber é um paradigma ancestral, é também um dos paradigmas mais atuais para uma resposta à crise. Tais ensinamentos são fundamentados em amor e resistência, como mostra Mamani na seguinte declaração: “*A un pueblo que marcha hacia su liberación, con dignidad y soberanía, expresando la voz del tiempo y de la Madre Tierra, nada puede detenerlo*” (MAMANI, 2010, p.3) Amor porque percebe a Terra como Mãe e resistência, pois se está consciente que nada pode deter algo que caminha para o bem.

Gloria Alicia (2012) nos traz importantes informações. A autora discute que a emergência do *Buen Vivir* (*Sumak Kawsay*) ou *Vivir Bien* (*Suma Qamaña*) é um produto de um debate que surgiu nos anos noventa do século passado na Bolívia, no momento em que o governo elaborava em seus projetos de lei o lema: “*Para vivir mejor*”. Então, os povos indígenas contrapuseram o conceito de *Suma Qamaña* ou *Vivir Bien*, como parte de uma disputa simbólica e política

com o Estado. Neste contexto, Idon Chivi (2010) traz uma declaração que ilustra bem o momento:

*Vivir Bien en un sentido igualitario, frente a un vivir mejor en un sentido desigualitario. Vivir Bien en un sentido de igualdad de oportunidades, frente a un vivir mejor de desigualdad de oportunidades. Un sentido democrático igualitario, frente a un sentido altamente discriminatorio. Eran dos corrientes discursivas.*(CHIVI, 2010 p.1)

Nesta perspectiva, observa-se que os valores ancestrais indígenas fundamenta-se no coletivo, no comunitário, na partilha. Neste sentido, há uma significativa troca de saberes em um processo de ensino e aprendizagem entre os mais novos (as) e os mais antigos (as), na cultura andina chamados de *abuelos* e *abuelas* (avôs e avós). Na cultura popular brasileira, estes (as) são os mestres e mestras, que possuem em seus corações memórias, saberes, experiências e realizações que vão partilhando com a comunidade. Desta maneira, ante esta realidade atual de crise, os povos indígenas nos convidam para uma outra maneira de vida, como afirma Mamani:

*Ante esta realidad, surge como respuesta / propuesta la cultura de la vida, que corresponde al paradigma ya no individualista sino comunitario, el cual llama a reconstituir la visión de comunidad (común-unidad) de las culturas ancestrales. Esta herencia de las primeras naciones considera a la comunidad como estructura y unidad de vida, es decir, constituida por toda forma de existencia y no solo como una estructura social (conformada únicamente por humanos). Ello no implica una desaparición de la individualidad, sino que ésta se expresa ampliamente en su capacidad natural en un proceso de complementación con otros seres dentro de la comunidad. (MAMANI, 2010, p.6)*

#### **4.2 Yoga: vida simples e pensamento elevado como modo de vida**

Para falar sobre o movimento Hare Krishna, primeiramente é essencial abordar um pouco sobre a história de vida de seu fundador. Seu nome é Abhay Charanaravinda Bhaktivedanta Swami, posteriormente conhecido como Srila Prabhupada. O autor da biografia autorizada de Prabhupada, Satsvarupa Dasa Goswami (2002) afirma que, foi a partir de 1965, com sua chegada ao ocidente, que Srila Prabhupada viria se tornar conhecido por todo o mundo. O autor destaca que antes de deixar a Índia, Prabhupada havia escrito três livros e que nos doze anos seguintes, período que esteve no ocidente, escreveria sessenta. Outro aspecto é que, antes de deixar a Índia, havia iniciado um discípulo e, nos doze anos seguintes, iniciaria mais de quatro mil. Quando deixou seu país, já idoso (69 anos de idade), ninguém acreditava que ele conseguiria cumprir sua missão[iii]. Prabhupada, depois de diversas tentativas sem sucesso para conseguir vir ao ocidente ele, que já era um *Sanyas*[iiii] e, dessa forma, não tinha recursos próprios, conseguiu.

A biografia mostra que sua última esperança era ganhar um bilhete a bordo de um navio da empresa de navegação a vapor Scindia. A Diretora da empresa, Sumati Moraji, era sua conhecida, então, lá foi Prabhupada tentar sua viagem para o ocidente. O diálogo entre os dois marca um fato histórico, de luta, resistência e de um acontecimento que posteriormente marcaria o ocidente como um momento de diálogo e encontro entre os saberes orientais e ocidentais. Então, é interessante partilhar um pouco da conversa: “por favor, dê-me um bilhete”. Sumati morarji estava preocupada: “Swamiji, o senhor é tão idoso, mas ainda assim está aceitando essa responsabilidade. O senhor acha que está tudo bem?... o senhor sabe o que é que meus secretários pensam? Eles dizem: ‘o Swamiji irá morrer lá’ (IBIDEM, p.291). Depois de muita insistência, Sumati Moraji acabou concedendo a passagem e Prabhupada estava pronto para ir aos Estados Unidos a bordo do navio chamado *Jaladuta* [iv] em uma viagem que duraria 2 meses.

E assim, Prabhupada chegou ao ocidente, com 200 livros e cinco dólares. Como destaca Satsvarupa Dasa, na década seguinte, ele formaria e manteria a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna e abriria mais de 100 centros espalhados por todo o mundo. Srila Prabhupada trouxe para o ocidente a filosofia milenar da Índia, contida nas escrituras chamadas *Vedas* e tendo em sua essência o Yoga. A palavra Yoga vem da raiz verbal *yuj*, que significa conexão, união. Então, este é o significado de Yoga: união, plenitude. No movimento Hare Krishna o Yoga é percebido como uma prática de vida, uma maneira de se viver e se relacionar com o mundo expressa no seguinte ensinamento: “vida simples, pensamento elevado”.

Neste contexto, Srila Prabhupada trouxe uma mensagem que a vida está além do consumo e deve ser permeada por amor, compaixão e equilíbrio. Ele deixava claro que havia outro caminho do que o progresso material e a industrialização: “Quanto mais continuarmos a aumentar essas indústrias problemáticas para sufocar a energia vital do ser humano, tanto mais haverá inquietação e insatisfação das pessoas em geral, embora apenas umas poucas possam viver suntuosamente através da exploração”(PRABHUPADA, 1999, p.1)

Prabhupada alerta que a produção de máquinas e ferramentas aumenta o modo de vida artificial de uma classe de proprietários interessados e mantém milhares de homens na pobreza e na inquietação: “esse não deve ser o padrão da

civilização”. (1999, p.2) Neste sentido, o autor questiona: “estaria essa civilização promovendo a causa da igualdade e fraternidade ao enviar milhares de homens a fábricas e aos campos de batalha por causa dos caprichos de um homem particular?”(1999, p.3)

Prabhupada salienta que, de acordo com a economia da milenar civilização védica, considera-se que uma pessoa pode ficar satisfeita com cereais, frutas, grãos, vegetais, leite e outros produtos que a terra prove. O autor ressalta que a humanidade pode resolver seus problemas econômicos com esses produtos e que todas as outras coisas além destas são “necessidades artificiais criadas pelo homem para destruir sua vida valiosa no nível humano e perder seu tempo com coisas que não são necessárias” (1999, p.4). Continua:

O fluxo das águas de um rio fertiliza os campos, e isso é mais do que necessitamos. Os minerais são produzidos nas montanhas, e as jóias no oceano. Se a civilização humana tem suficientes cereais, minerais, jóias, água, leite, etc., por que então deveria ansiar por terríveis empreendimentos industriais? (1999, p. 5).

Na tradução de uma das escrituras mais sagradas da Índia, o Srimad Bhagavatam, um clássico de mais de dezessete mil versos, no significado do verso 42 do capítulo dezessete do primeiro canto, Prabhupada diz: “Quando há suficiente austeridade, limpeza, misericórdia e veracidade, naturalmente a Mãe Terra fica completamente satisfeita.” (PRABHUPADA, 1979 p.73) Nesta passagem, a personalidade da Mãe Terra, na forma de uma vaca, foi pedir auxílio ao rei Maharaj Pariksit, pois estava se sentindo doente com as crueldades feitas pelos humanos. Na cultura Védica, o touro é o símbolo do princípio moral, e a vaca é a representante da Terra. Assim, como é uma escritura tão antiga, ou seja, mais de 5 mil anos, torna-se interessante compartilhar um pouco desta forma de linguagem e de percepção de mundo. No verso abaixo, a personalidade dos princípios espirituais, Dharma, pergunta à mãe terra:

VERSO 24

idaà mamācakīva tavādhi-mūlā  
vasundhare yena vikarṇitāsi  
kālena vā te balināā baléyasā  
surārcitāā kiā hātam amba saubhagam

Tradução de Prabhupada

Ó mãe, tu és o reservatório de todas as riquezas. Por favor, informa-me sobre a causa fundamental de tuas tribulações, pelas quais tens sido reduzida a tal estado de fraqueza. Creio que a poderosa influência do tempo, que conquista até mesmo o mais poderoso, deve ter tomado à força toda a tua boa fortuna, que era adorada mesmo pelos semideuses. (PRABHUPADA, 1979, p. 45),

Este verso demonstra uma percepção da Terra como Mãe, como um ser vivo, diferentemente da percepção da ciência clássica que a vê como uma máquina, um objeto a ser explorado e dominado. Então, dentro deste contexto, e para finalizar, Prabhupada diz que, vida simples com pensamento elevado significa realização espiritual, compaixão e bondade para com todas as criaturas. “Sim, este é nosso sistema tradicional: levar uma vida simples, que em equilíbrio com a terra, cria um equilíbrio natural entre nós e o planeta e encoraja-nos a consumir só o necessário”. Para este propósito, o movimento Hare Krishna se desenvolveu com diversas comunidades rurais, também conhecidas como Ecovilas, pelo mundo.

## 5. PONTOS EM COMUM E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o auxílio da hermenêutica diatópica e do processo de tradução, é interessante perceber que essas culturas nos trazem importantes mensagens e respostas para a atual crise. Vale lembrar que, a hermenêutica diatópica parte do princípio de que todas as cultura são incompletas e, por isso, pode haver o diálogo e uma pode contribuir com a outra. Todavia, neste trabalho daremos o foco nos pontos de intercessão para nos ajudar a responder a problemática inicial: Em um contexto de crise, agressões à natureza e à vida, quais as contribuições dos saberes milenares indianos e conhecimentos ancestrais dos índios andinos para uma nova forma de se viver? Existem pontos de interseção entre eles? Como resposta salienta-se que existem diversos pontos de intercessão entre esses saberes e que estes apontam contribuições para se pensar em uma nova forma de se viver. Então, destacam-se os seguintes.

Ambos saberes se preocupam com a produção de alimentos, o que pode mudar a ótica da revolução verde, com alimentos repletos de veneno e o campo dominado pelo latifúndio agroindustrial gerando acumulação de bens por uma

minoría. Os saberes milenares e ancestrais nos trazem um modo de vida comunitário, sem acúmulo exacerbado de bens materiais. Sobre o paradigma comunitário vivido por ambos, em um mundo onde os relacionamentos estão cada vez mais frios e distantes e que a meritocracia e a competição fundamentam o trabalho, essas percepções podem ajudar a desenvolvermos relações pautadas em outros princípios.

As duas culturas percebem a terra como mãe e, dessa forma, suas maneiras de relacionamento com a natureza e, com o planeta como um todo, visam à harmonia, o respeito e o equilíbrio. Essa percepção muda o olhar em relação ao mundo visto na modernidade como objeto a ser explorado e repleto de recursos inesgotáveis. Outro ponto é que, tanto o movimento Hare Krishna, quanto os povos indígenas andinos nos provocam a refletir se o caminho que civilização moderna trilha é viável, ou se está nos conduzindo a um ponto de gigantescos impactos no planeta. Ambas apontam para uma outra direção, fundamentada em uma cultura ecológica. Os dois saberes trazem aspectos muito semelhantes aos fundamentos da ecologia apresentados, sendo que, estão trabalhando isto desde tempos imemoriais.

Outro aspecto interessante é que essas culturas demonstram muito respeito aos mais velhos(as), aos anciãos(as) e à aqueles que lutaram por transmitir o conhecimento. Para os indígenas são os ancestrais e para os Hare Krishnas - a corrente de sucessão discipular. Se observamos a civilização moderna, podemos questionar: aonde estão nossos idosos? Muitas vezes abandonados em asilos e sendo mal tratados.

Então, acredita-se, assim como Paulo Freire (2005) que a existência, a cultura, a arte, não podem ser silenciadas ou mudas, mas repletas de diálogo, de experiências que gerem reflexões e sejam de maneira compartilhada e fundamentadas em um o espírito coletivo. Como destaca Paulo Freire, a existência humana deve ser de palavras verdadeiras com que os homens transformam o mundo. "Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo." (2005, p.44)

Neste sentido, esses saberes podem contribuir para mudar o *status quo*, modificar a maneira de pensar atual, muitas vezes, sexista, racista e dominadora. A cultura de cada comunidade é um meio de conceber o universo através do falar, das práticas tradicionais, do cantar, do tecer, do plantar, do curar, entre vários outros aspectos. Dessa forma, contemplar esses conhecimentos que guardam e partilham tradições, ancestralidade e aprendizados, é uma forma de mostrar a riqueza de experiências e saberes que existem no mundo. É também um caminho para que possamos compreender o significado da expressão: "quem canta sua aldeia canta o mundo". Não há apenas uma forma de conhecimento, mas existem diversas experiências, saberes e vozes que podem dialogar, apontar e construir, comunitariamente, um mundo melhor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALICIA, Gloria. El buen vivir: un diálogo intercultural. Ra-Ximhai. Volumen 8 número 2 enero – abril 2012 - Revista de Sociedad, Cultura y Desarrollo Sustentable - Universidad Autónoma Indígena de México ISSN: 1665-0441 México 2012.
- BOFF, Leonardo. Ecología Mundialización Espiritualidade. São Paulo: Ática S.A., 1993. BOFF, Leonardo. Espiritualidade: um caminho de transformação. RJ: Sextante, 2004.
- BROWN, Dee. Enterrem meu coração na curva do rio. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1970.
- CANAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flavio. Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CHIVI, Idon. "Buen Vivir: una democracia altamente igualitaria". <http://www.45-rpm.net/?p=710>, acesso em 03/05/2015, Política y cultura antagonista, 2010.
- CORTEZ, D. y Wagner, H. "Zur Genealogie des indigenen "guten Lebens" ("sumak kawsay") in Ecuador", 2010.
- CRESCO, Juan y David Vila. Saberes y conocimientos ancestrales, Tradicionales y populares: el buen conocer y el diálogo de saberes dentro del proyecto buen conocer. Secretaría Nacional de Educacion Superior, Estudios Nacionales del Ecuador. 2014
- DASA, Rupa Vilasa. Divina Sucessão. The Bhaktivedanta Book Trust , 2003, Brasilia\DF.
- GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. Srila Prabhupada Lilamrta. Vol. 1 – Toda uma vida de preparação. The Bhaktivedanta Book Trust , 2003, Brasilia\DF, 2002
- HOBBSAWM, E. J. Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo. Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1979.
- KRENAK, Ailton. Fontes e reflexões para o ensino de história indígena e afro-brasileira : uma contribuição da

área de História do PIBID/FaE/UFMG / Organizado por Pablo Luiz de Oliveira Lima. – Belo Horizonte: UFMG – Faculdade de Educação, 2012.

LAGE, Allene. Reflexões e ações sobre educação, estado e diversidade. Ed. UFPE, in Iranete Maria da Silva, Maria Joselma, Katia Cunha, Recife, 2014.

LEMOS, Gislêide Torres. Os saberes dos povos campesinos tratados nas praticas curriculares de escolas localizadas no território rural de Caruaru – PE. UFPE, 2013

MAMANI, Fernando. Buen Vivir / Vivir Bien - Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Organizaciones Indígenas – Lima Peru, 2010

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Editorial e Comercial LTDA, 1999.

PRABHUPADA, Srila. Vida Simples e pensamento elevado. The Bhaktivedanta Book Trust, Pindamonhangaba, SP, 1999.

PRABHUPADA, Srila. Srimad Bhagavatam, canto um, capítulo 16. The Bhaktivedanta Book Trust, São Paulo, 1979.

SANTOS, B. S. A Gramática do tempo: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, B. S., MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

TAPIA, Juan . Livro " O Prazer de Ser: a essência da Ecologia Humana" - Editora Gente – Brasil, 2001.

[i] Washington Novaes é bacharel em Direito pela USP e jornalista há 53 anos. Foi repórter, editor e diretor em importantes publicações brasileiras: Folha de SP, O Estado de SP, Jornal do Brasil.

[ii] Srila Prabhupada havia recebido a missão de seu mestre espiritual Srila Bhaktisidhanta Sarasvati Thakur, de propagar a filosofia de Krishna no ocidente.

[iii] Palavra usada para aquele que está na ordem de vida renunciada.

[iv] Em sânscrito significa: o mensageiro dos mares.

mestrando em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação PPGDUC, da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE CAA, vice-presidente da Ecovila Vraja Dhama. E-mail: premasindhudvs@hotmail.com. A pesquisa de mestrado, que está em andamento, é financiada pela FACEPE e tem como orientadora a Dra. Allene Lage – professora associada da UFPE. Allene tem doutorado em sociologia pela Universidade de Coimbra e coordena o projeto de extensão Observatório dos Movimentos Sociais, iniciado em 2007 na UFPE CAA.

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: